



4319 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPed (2018)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

PÔE NA RODA: CÍRCULOS DE DIÁLOGOS SOBRE SEXUALIDADE, GÊNERO E DIVERSIDADE NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS

Robson de Cássio Santos Dourado - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Alexandre Alves da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Antonio Amorim - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido com graduandos do curso de pedagogia durante uma oficina de integração. O objetivo foi analisar as concepções e perspectivas do pedagogo em formação referente a sexualidade, diversidade de gênero e direitos humanos. Foram provocadas discussões sobre educação e sexualidade, gênero, diversidade sexual, direitos humanos, bem como, um currículo da diferença em torno da cultura *queer*. O estudo questiona o seguinte problema quais as concepções e perspectivas o pedagogo em formação tem sobre a sexualidade, diversidade de gênero e direitos humanos? Participaram desse estudo trinta e cinco graduandos do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, Campus XVII, no município de Bom Jesus da Lapa-Bahia. Essa investigação é baseada na abordagem qualitativa, a técnica empregada foi a pesquisa de campo, tendo como estratégia para coleta de informações o círculo de diálogos, por meio de entrevistas coletivas. Os encaminhamentos produzidos evidenciaram que o pedagogo traz concepções diversificadas sobre a sexualidade, e entende essa como necessário no contexto escolar, apesar de ter suprimida discussões em sua formação escolar e familiar.

Palavras chaves: Identidade de gênero. Sexualidade. Espaços educacionais.

PÔE NA RODA: CÍRCULOS DE DIÁLOGOS SOBRE SEXUALIDADE, GÊNERO E DIVERSIDADE NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS

INTRODUÇÃO

Sobre a educação, cabe pensá-la em uma perspectiva na qual as relações de gênero e as múltiplas relações em torno da sexualidade sejam presentes como artefatos para a construção da identidade dos novos sujeitos, os quais são compostos “[...] não só de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas” (HALL, 2011, p. 12). Essa nova constituição do sujeito reverbera no que se pensa a respeito da escola e da educação. Para essa escola em um cenário cultural da pós-modernidade é relevante pontuar os desafios para um novo modelo curricular para essas territorialidades que demarcam as identidades de gênero e sexualidade no cotidiano escolar.

Diante desse contexto esse estudo indagou a seguinte questão: quais são as concepções e perspectivas o pedagogo em formação tem sobre a sexualidade, diversidade de gênero e direitos humanos? A partir desse emblema a pesquisa desenvolve a partir do seguinte objetivo: analisar as concepções e perspectivas do pedagogo em formação referente a sexualidade, diversidade de gênero e direitos humanos.

ASPECTOS TEÓRICO METODOLÓGICOS

Tecer considerações a respeito da identidade de gênero faz parte deste procedimento de reconhecimento da diversidade dentro do cotidiano escolar. Dentro de uma sociedade, a qual passou por mudanças culturais ao longo da história e que ainda se conserva como patriarcal, heterocêntrica e machista, as questões de gênero ainda se concentram na identidade masculina como centro das relações, ao passo que o feminino e os demais gêneros “descobertos” ainda se encontram em disputa por espaços de representatividade. Articulados aos movimentos estudantis, a mobilização da contracultura ganhou notoriedade nos espaços sociais (FURLANI, 2003; SILVA, 2005), compondo protagonismo os movimentos das mulheres feministas contra o machismo imposto.

Desse modo, pensar a respeito da identidade de gênero equivale à construção social desta identidade dos corpos dos sujeitos homem e mulher performativamente construídos (BUTLER, 2003). Dialogando com essa reflexão, Louro (1997, p.25) compreende o gênero como “[...] constituinte da identidade dos sujeitos”. Defende, também, que “a inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura” (LOURO, 2000, p. 5). Nesse sentido, dentro do campo da diversidade, estas identidades são transitórias, inacabadas, dialogam entre si em um movimento de coexistência.

As discussões em torno do gênero fortalecem o campo da masculinidade e da feminilidade, nas tessituras das identidades sociais dos sujeitos homem e mulher, os quais mergulham, ainda, no campo da identidade sexual, ao modo como os sujeitos vivenciam seus desejos e seus prazeres sexuais. Falar de sexo é definir como este estabelece uma zona de poder neste modelo heterocêntrico; mais ainda, é subverter tal qual defende Foucault (1988, p.11) ao afirmar que “Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada”. Nesse sentido, no campo do gênero, tais atores femininos ou masculinos, podem ser homossexuais, bissexuais, heterossexuais no que diz respeito à forma como se relacionam com suas sexualidades.

Ainda, as novas provocações em torno desta categoria problematizam as reflexões em torno do que é gênero e como estas sexualidades demarcam territórios para além do binarismo masculino/feminino ao compreender a diversidade no campo da transexualidade

visivelmente discutida em torno da cultura *queer* e das performatividade de identidades não binárias. A categoria *queer*, cujo significado denota estranho, excêntrico e bizarro (SILVA, 2005), utilizada a princípio para fomentar agressões aos sujeitos LGBTI+ (REIS, 2018), passa a ser reivindicada e ressignificada pelo próprio movimento como ação de luta política e cultural. A respeito da cultura *queer*, Louro considera que “é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre-lugares’, do indecível” (LOURO, 2016, p. 7-8).

Nesse sentido, as concepções de identidade de gênero e a sexualidade enquanto práticas de desconstrução das territorialidades reverberam no cotidiano escolar, invadindo os seus espaços e presentes nas relações entre os sujeitos que o ocupam. Tais discussões foram provocadas em uma oficina intitulada “Sexualidade, gênero e diversidade nos espaços educacionais” na Semana de Integração ocorrida na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, campus XVII, localizado no município de Bom Jesus da Lapa, Estado da Bahia, cujas discussões formaram o cenário metodológico para referida investigação.

Como aporte metodológico, baseamos nos elementos da pesquisa qualitativa, Sobre essa abordagem, Gatti (2012) desponta que esta visa a superação do modelo positivista de pesquisa, em que julgamentos, inferências e participação contaminam a pesquisa. Referente aos procedimentos técnicos adotados, esse estudo caracterizou-se como uma pesquisa de campo. Para Gonçalves (2001) pesquisa de campo busca informações diretas no cenário pesquisado, no intuito de reunir diversas informações e documentá-las.

No intuito de implementar o processo de aquisição de informações, foram utilizados os círculos de diálogos, que se configuram como uma forma de conceber a pesquisa por meio da inspiração nos círculos de cultura proposto por Paulo Freire. Desse modo, Romão et. al. (2006) evidencia que todos os colaboradores da pesquisa sejam proativos coautores. É preciso pensar a partir dos pressupostos teóricos de Freire (1999) em que a realidade funciona como laboratório de pesquisa. Nesse viés, atitudes o diálogo auxilia no entendimento das tramas sociais investigadas.

Para possibilitar maior sistematização na coleta de informações, foram utilizadas as entrevistas coletivas com os sujeitos da pesquisa. Dessa maneira, tal artifício estabelece proximidade com a perspectiva diálogo do círculo, tornando perceptível o alinhamento de informações. Sustentando esse propósito, Kramer (2007) infere que em entrevistas coletivas os sujeitos sentem-se mais confortáveis frente aos questionamentos.

EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS E INDICAÇÕES (IN)CONCLUSIVAS

Em entrevista coletiva os trinta e cinco participantes da pesquisa foram questionados sobre a aquisição dos conhecimentos sobre sexualidade. O sujeito coletivo evidencia o não tratamento de questões relativas à sexualidade dentro do ambiente familiar, e que tal discussão é interdita, constituindo-se ainda como um tabu.

Para além, descreveram que o tratamento de questões relativas à sexualidade é vista de forma tímida na escola e não contempla os aspectos reflexivos como diversidade e gênero, estabelecendo ainda a discussão ingênua de que sexualidade relaciona-se apenas com apresentação do corpo humano e prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis.

Foi perceptível na fala dos sujeitos que o tabu é um dos maiores entraves no tratamento da sexualidade. Para Gonçalves, Faleiro e Malafaia (2013) a sexualidade é encarada pela sociedade conservadora e despreparada como exclusiva dos adultos, porém, é uma vertente que é vivenciada por todos, desde a infância, e que ultrapassa os limites de entendimento do corpo. Somando esforços reflexivos, Savegnago e Arpini (2013) inferem que é de reconhecimento dos pais que a sexualidade deve ser pauta/assunto do cotidiano familiar. No entanto os pais não sabem como tratar desse assunto, pois em suas infâncias e adolescência não tiveram diálogo e respostas sobre o tema referido.

Os participantes da pesquisa foram indagados sobre o entendimento do termo sexualidade. As informações apontadas foram sistematizadas e agrupadas em dimensões correspondentes ao quadro:

Concepções sobre sexualidade

Dimensões	Frequência
Medo	37%
Prazer	29%
Respeito	21%
Liberdade	13%

Fonte: elaboração do pesquisador, 2018

Desse modo, para 37% dos entrevistados a sexualidade é entendida como um local de medo e desconhecimento, em oposição 29% das citações envolvem a sexualidade como um campo de prazer e autoconhecimento do corpo; já para 21% dos entrevistados a sexualidade tem relação direta com o respeito, com o próprio corpo e com os integrantes de uma sociedade que vivem plenamente %suas sexualidades; expondo uma proporção de 13% a sexualidade é encarada como um ato de liberdade.

O sujeito coletivo evidencia o medo ainda como uma dimensão presente no discurso quando se fala sobre sexualidade. E pelo desenvolvimento dos círculos de diálogos, os integrantes da pesquisa deixaram evidente que essa configuração é permeada de ideologias familiares, religiosas, dentre outras, que ocasionam o não contato informativo com a temática. A partir desse desvelar e no intuito de estabelecer maiores aprofundamentos teóricos, Rubin (1998) infere que a sexualidade tem seus próprios meandros políticos e opressivos. Assim, ela é produto humano e faz-se nas relações humanas, e a depender do processo histórico em que está envolta, sofre maiores ou menores contestações.

Nesse sentido, é uma dimensão individual, e tem ligação direta de como o sujeito entende-se perante ao mundo. Para além, é relacionada com prazeres, fantasias, auto reconhecimento do corpo. Segundo as concepções teóricas de Foucault (1988) as formas de repressão, interdição são ligadas diretamente das sociedades ocidentais.

Para além, os sujeitos têm a ideia de que a sexualidade não é entendida apenas como conhecimento do corpo humano, e do binarismo, expõe uma diversidade de vertentes que extrapola o sentido heteronormativo, ou seja, o que a sociedade entende e dissemina como padrão. Ademais, os participantes demonstraram o pensamento crítico-reflexivo ao demarcarem que a sexualidade envolve valores éticos e de reconhecimento de si e do próximo, bem como a manifestação hegemônica da sexualidade como opressora.

No último questionamento os pesquisados foram suscitados a posicionar-se sobre a escola como um local de diversidade e quanto a formatação curricular posta. Todos os entrevistados reconhecem a escola como um local que recebe sujeitos diversos a partir de uma

perspectiva da diversidade de gênero, econômica e social. Porém foram enfáticos também em relatar que o currículo instituído nas escolas públicas não dá conta em sua integralidade de contemplar essa diversidade.

Nesses moldes, é importante ressaltar o sentido social da escola e os diversos encaminhamentos produzidos para a condução da sociedade contemporânea. Nesse sentido, as contribuições de Silva (1995) são incisivas ao demarcar que a escola ainda deixa de lado a realidade do aluno, descaracterizando seu sentimento, no intuito de protegê-lo contra as várias “ameaças” do mundo exterior, criando preconceitos a tudo que fuja do estabelecido como “normal”. Para Candau (2005) é necessário e consensual a modificação curricular, a também da educação escolar posta nos ambientes de aprendizagem.

A partir do momento interativo vivenciado com os graduandos do curso de pedagogia percebeu-se o quanto é necessário o tratamento de temas relativos à sexualidade, gênero e diversidade nos espaços escolares, tanto na escola básica quanto na universidade. É importante frisar que o curso de pedagogia da referida instituição contém apenas uma disciplina optativa sexualidade e orientação sexual, com carga horária de quarenta e cinco horas, o que segundo os graduandos é incipiente. Ademais, é preciso instigar nos futuros educadores o desenvolvimento da pedagogia da transgressão, pois é preciso colaborar para socialização e combate de todas as formas de opressão dentro e fora dos ambientes de ensino.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em Educação Sexual**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- GONÇALVES, R. C; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. **Educação Sexual no Contexto Familiar: Impasses e Desafios**. Holos, 2013. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/784/741>>. Acesso em: 15 set 2018.
- GONÇALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- KRAMER, S. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em Ciências Humanas. In: _____; FREITAS, M. T; SOUZA, S. J. (Org.). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- REIS, T. (Org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. 2. ed. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.
- ROMÃO, J. E.; CABRAL, I. E.; CARRA?O, E. V. de Miranda; COELHO, E. P. **Círculo epistemológico. Círculo de Cultura como Metodologia de Pesquisa**. São Paulo: IPF, 2006. (Mimeo.) Disponível em: <http://www.metodista.br/ppc/educacao-linguagem/educacao-e-linguagem-13/circulo-epistemologico-circulo-de-cultura-comometodologia-de-pesquisa/>. Acesso em: 15 set 2018.
- RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: NARDI, Peter M. & SCHNEIDER, Beth E (Eds.). **Social perspectives in lesbian and gay studies**. London: Routledge, 1998.
- SAVEGNAGO, S. D. O.; ARPINI, D. M. **Escola Família e Sexualidade: Diálogos Possíveis?** Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Santa Maria. 2013. Disponível:<<http://www.uneb.br/enlacandosexualidades/files/2015/07/Enlace14.pdf>>. Acesso em: 16 set de 2018.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SILVA, T. **Alienígenas da sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.